

LÍNGUAS, BABEL E MULTIPLICIDADES: NÓS, OS MODERNOS

Dinamara Feldens Schmidt*

Angélica Vier Munhoz**

Resumo: O texto que segue busca refletir sobre a língua em seu estado de monolinguagem, a língua criada na/pela modernidade como língua de significados únicos, significados totalizadores. Fala do quanto nos tornamos escravos de nosso etnocentrismo, perdendo, com isso, a possibilidade de habitar um outro e de um outro nos habitar. A língua única com captura de nossa subjetividade, como torre de babel que fala da nossa condição humana - condição de sujeitos unilíngües. É nesse sentido que somos sujeitos da compreensão, sujeitos da tradução, sempre em busca de um significado, de uma finitude.

Palavras-chaves: língua; modernidade; babel; tradução; signos; significados.

Abstract: The article aims at reflecting about the language in its monolingual state, a language created in/by the modernity as a language of unique meanings, totalizer meanings. It discusses how much we are slaves of our ethnocentrism, missing the possibility of living in another and another in us. The unique language subdued to our subjectivity, as babel tower that speaks about our human condition – as unilingual individuals. In this sense, we are subjects of comprehension and translation, always in search of a meaning, of an ending.

Key words: Language; modernity; Babel; Translation; Sign; Meanings.

* Professora da UNIVATES - Centro Universitário, Historiadora e doutora em Educação.

** Professora da UNIVATES - Centro Universitário, Pedagoga e mestre em Educação.

Proust dizia: 'as obras-primas são escritas num tipo de língua estrangeira'. É a mesma coisa que gaguejarmos estando gago da língua e não simplesmente da fala. Ser um estrangeiro, mas em sua própria língua, e não simplesmente como alguém que fala uma outra língua, diferente da sua. Ser bilíngüe, multilíngüe, mas em uma só e mesma língua, sem nem mesmo um dialeto ou patuá. Ser um bastardo, um mestiço, mas por purificação da raça. É aí que o estilo cria língua. É aí que a linguagem se torna intensiva, puro contínuo de valores e intensidades (Deleuze; Guattari, 1995, p. 43).

O nosso tempo é um tempo marcado pela comunicação. A língua e suas formas de expressão, seja através de sons, imagens, cores, ícones, palavras..., parecem ser a moeda corrente, o fio que nos conduz, o nó da malha que nos une. Mas esta comunicação tem um estatuto determinado e um tempo que a compõem.

Nossos referenciais conceituais e morais nasceram na Modernidade, assim como, muitos dos signos¹ que efetivam nosso tempo.

A modernidade com sua razão onipotente cria a língua única. Língua da ciência, da arte, dos saberes. Língua triunfante, a "boa" e justa língua. Língua do conquistador, língua oficial, língua de significados, de sentidos morais, a lei da língua única na língua da lei totalizadora.

O projeto moderno da língua única inventa o sujeito moderno e inventa a supremacia deste sujeito. Articulado materialidades, produz a subjetividade moderna, é na modernidade que o homem fixa-se no centro do mundo, etnocentrismo de sujeito, etnocentrismo de território, etnocentrismo de língua.

Crendo estar mais próximo da "verdade" e da justeza de valores, o homem moderno aposta em sua ciência, uma ciência territorializada, uma ciência dura, inflexível. Uma ciência comprovável em regras e leis - fechada em sua lógica. Cria sua própria arte, suas verdades morais, sua única língua - na crença do absoluto...

Perdemos tanto... Não apenas porque deixamos de ganhar com a possibilidade do outro², perdemos também por termos nos feito escravos de nosso etnocentrismo e de sua unicidade miserável.

Mas isso parece não nos tocar e não nos toca porque perdemos, com a razão moderna totalizante, a noção cósmica de nossa existência. Nos sentimos orgulhosos de estarmos grudados a um determinado território, a uma língua e isto parece nos aconchegar, nos acolher, nos proteger. Mas o território moderno, ao impor sua razão moderna com suas semióticas sedentárias demarca um espaço de existência, nos deixando órfãos da criação e de seus infinitos possíveis. Os movimentos e suas velocidades ficam estagnados, capturados. Mas toda a captura abriga uma fuga.

A lei, a ciência, a mono-língua, a morte infecunda daquilo que não somos, de todos os outros que nos habitam... estamos decapitados, podados, laminados no parco cercado dos limites permitidos.

¹ "[...] o signo remete ao signo, e remete tão somente ao signo, infinitamente. É por isso que é mesmo possível, no limite, abster-se da noção de signo, visto que não se conserva, principalmente, sua relação com um estado de coisas que ele designa nem como uma entidade que ele designa nem como uma entidade que ele significa, mas somente a relação formal do signo com o signo enquanto definidor de uma cadeia significante [...]. Não se trata ainda de saber o que tal signo significa, mas a que outros signos remete, que outros signos a ele se acrescentam" (Deleuze; Guattari, 1995, v. 2, p. 62).

² O outro em nós e os outros dos outros, as multiplicidades outras...

Pouco nos é permitido.... Aquilo que afasta a vida do perigo da aposta e da novidade, do perigo dos desvios, do perigo da fecundação, do perigo da diferença, do perigo das multiplicidades. São os dispositivos³ que materializam as capturas.

Estes dispositivos se dão no nível macro e micro político⁴, se dão no nível da coletividade e de um indivíduo, se dão no nível social assim como individual, se dão no nível de macro capturas nos grandes círculos significados e semiotizados e do cultivo de nossas culpas, de nossos ressentimentos e nossos micro-fascismos⁵. E é por isso que a captura circunda, prolifera-se e tem eficiência: porque captura-se no nível das subjetividades, captura-se no nível de uma semiologia da palavra, de uma significância dos sentidos, de linhas que nos atravessam e ficam ressonando: “ O rosto do pai, do professor primário, do coronel, do patrão se põem a redundar, remetendo a um centro de significância que percorre os diversos círculos e repassa por todos os segmentos” (Deleuze; Guattari, 1996, v. 3, p. 87).

A captura da existência, a captura do corpo⁶, a captura do significado, a captura do desejo, enfim, a captura da representação, seus grandes “nós”⁷.

Como estruturar um sujeito de estado sem este estado de sujeito? Como inventar a obediência, o justo, a verdade, sem a instauração de uma captura que as faz existir na mesma medida que as consagra? Como ter a língua única sem a única língua?

³ Um dispositivo implica em linhas de força, que vão de um ponto singular a outro, situado em linhas precedentes e que de alguma maneira, retificam as curvas anteriores, traçam tangentes, envolvem os trajetos de uma linha com a outra, operam idas e vindas, atuando como flechas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras.

⁴ "Toda a sociedade, mas também todo o indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passa uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós – mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda a política é, ao mesmo tempo, macropolítica e micropolítica. (Deleuze; Guattari, 1996, v.3, p.90).

⁵ É muito fácil ser antifascista no nível da sociedade, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas. (Deleuze; Guattari, 1996, v.3, p. 93).

⁶ O estado moderno, nossa modernidade, sempre usou o corpo como investimento individualizado, como um lugar fértil para capturas, na medida em que se vale do corpo como um dispositivo, como uma instância de identidade discursiva, como um lugar onde se instala um saber e se efetiva esse saber. O corpo é construído dentro do tempo histórico, e se presta como modo de investimento para agenciar a subjetividade.

⁷ "Consideramos os três grandes estratos relacionados a nós, quer dizer, aqueles que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. A superfície de organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição. Você está organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significante e significado, interprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será apenas um vagabundo." (Deleuze; Guattari, 1996, v. 3, p. 22).

1 BABEL: LINHAS DE FUGA, O OUTRO E AS IMPOSSIBILIDADES DA LÍNGUA

A língua única torna nossa subjetividade capturada. Ao possuir a língua é que estamos possuídos por ela. Ao encontrarmos na língua única nossa torre de babel⁸ nos atiramos com as patas no mel que impede a abelha de voar. A idéia de uma língua única, assim como a idéia de uma única tradução, está ligada à construção de Babel em nós.

Existe em nós um sedentarismo profundamente marcado. Este sedentarismo nos reduz à condição de sujeito unilíngües. Estamos limitados, contornados, destinados a não sermos tocados, mexidos, perpassados pelas pluralidades da vida.

Nos códigos sociais há um menu de opções estabelecidas, significadas, interpretadas que nos fazem obedecer e infinitos gritos que surdamente teimamos em não ouvir:

a unidade de uma língua é, antes de tudo, política. Não existe língua-mãe e sim, tomada de poder por uma língua dominante, que hora avança sobre uma grande frente e hora se abate simultaneamente sobre centros diversos . Pode-se conceber várias maneiras de uma língua se homogeneizar, se centralizar: a maneira republicana não é necessariamente a mesma que a real, e não é a menos dura. Mas o empreendimento científico de destacar constantes e relações constantes sempre se duplica no empreendimento político de impô-las àquelas que falam, e de transmitir palavras de ordem (Deleuze; Guattari, 1995, v. 2, p. 46).

Nas palavras de ordem, o outro está em estado de morte... Mas quem é o outro?

Este ser que precisamos fazer falar e fazer calar; este ser que precisamos fazer ranger, fazer gritar... este ser que de tanta calênia nos insulta e de tanta palavra nos destrói...

O outro é este insuportável porque não sou eu....

O outro é este latejante que me cospe a cada instante a insanidade que é ser 'humano'? A disparidade que é ser multiplicidades, o instante que é estar em singularidade...

O outro é este ser que me lembra que a vida existe para além de mim e é então que criamos os significados e os significantes de uma língua que possa trazê-lo até mim, através da mediocridade perversa do ser 'uno'. Assim o outro, o diferente, o desviante não é apenas mais alguém, é um contrário, um oposto, um "não" ao eu, ao ideal, ao modelo, ao certo e justo e deve ser controlado, vigiado e punido.

Por que não suportamos o outro? Qual o limite da compreensibilidade deste que nos compõe e nos perturba? A impossibilidade de compreender o outro nos remete à contingência de, como humanos, habitarmos um tempo e um espaço e de estarmos reféns dele.

Mas o que é habitar um tempo senão desfazê-lo, na afirmação da vida plural? E desfazer sempre é um risco, sempre uma nova altitude, sempre uma errância.

⁸ Estamos nos referindo à lenda Torre de Babel [...] Os humanos perderam nossa língua comum e nossa Pátria comum porque o senhor castigou a soberba dos descendentes de Noé, quando estes começaram a edificação de uma torre que chegaria até o céu, com o propósito de prevenir um segundo dilúvio. A espécie humana teria desafiado pela terceira vez a humanidade e por isso teria recebido o castigo das dispersões das línguas". O autor segue sua análise: 9...) Se o destino dos mortais é ocupar toda a terra, não devem permanecer unidos em uma única cidade, nem é conveniente que usem uma única língua. [...] (Larrosa; Skliar, 2001, p. 33-35).

Capturados, mesmo assim em estado de possibilidades... “porque somos esses seres complexos e errantes, e é então que a vida se distende por todos os lados. O que queremos dizer, na verdade, é que os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados, tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor música, instaurar uma ciência, uma técnica. [...] Sempre sobrevivem períodos em que o Estado enquanto organismo se vê em apuros com seus próprios corpos, e em que esses, mesmo reivindicando privilégios, são forçados, contra a sua vontade, a abrir-se para algo que os transborda, um curto instante revolucionário, um impulso experimentador” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 5, p. 33).

Os impulsos experimentadores é que ficam o tempo todo pulsando. Ficam na incalência vibrando, ficam escorrendo, vazando, mexendo, movendo, fazendo ações incontidas. Intempestividades incomuns e mesmo que inauditas, estrondosas! Ficam pulsando na vida que sempre quer mais e ainda mais...na permissão de que ela prossiga querendo!

Nossa sociedade e nosso sujeito unilíngüe mesmo em seu estado de sujeito é todo ele perfurado por linhas de errância, linhas incertas, linhas que fazem fuga.⁹ Fugas ao que está traçado a priori: do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma “evolução de costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos, etc. (Deleuze; Guattari, 1996, v. 3, p. 94).

Tem no silêncio sempre um grito. Tem na imobilidade sempre um movimento. Tem nos quadrados sempre pontas. Tem no olhar sempre desvios. Tem na crença dogmática sempre uma micro traição. Tem no gesto calculado sempre um mexido imprevisto. Tem no texto sempre inusitados. Tem na língua sempre mestiçagens. Tem na palavra sempre dialetos. Tem no sujeito sempre multiplicidades. Como conter-nos? A captura é inevitavelmente imprecisa, sabotável, sempre algo foge ao seu alcance: sempre uma velocidade com a qual não se contava, um raminho que não foi podado, um desvio, uma curvatura, uma palavra solta, uma invenção lingüística, uma lentidão turbilhonar.

Podemos morrer em alguns instantes, em algumas palavras, em algumas leis e algumas normas em capturas sempre a nos acimentar e nós a fazê-las tremer:

confunde-nos: é que estamos a crescer, é que não acabamos de mudar, de fazer estalar velhas cascas, de criar pele nova em todas as Primaveras, de nos tornarmos incessantemente mais novos, mais futuros, mais altos e mais fortes, de enterrar mais fortemente nossas raízes nas profundezas [...] Crescemos como árvores cresce - é difícil de compreender, mas não o será toda e qualquer vida? - não crescemos apenas num ponto, mas por todos os lados, não num sentido, mas em todos ao mesmo tempo, em cima, em baixo, dentro, fora, a nossa força cresce ao mesmo tempo no tronco, nos ramos e nas raízes, já não temos liberdade de fazermos nada separadamente, de ser nada de uma maneira localizada...Tal é, repito o nosso destino; crescermos em altura e, mesmo admitindo que seja para nossa desgraça - porque nos aproximamos sempre mais do raio! - nem assim deixamos de tirar glória disso;

⁹ "Quanto à linha de fuga, não seria esta inteiramente pessoal, maneira pela qual um indivíduo foge, por conta própria, foge às "responsabilidades", foge ao mundo, se refugia no deserto, ou ainda na arte...etc. [...] Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas, antes, em fazê-lo fugir" (Deleuze; Guattari, 1996, v. 3, p.78).

é apesar de tudo um destino que não partilhamos, que não queremos partilhar, é o destino dos cumes, é o nosso (Nietzsche, p. 270).

O destino dos cumes... estamos o tempo todo entre a captura e a fuga sem que isso se acompanha uma contradição ou em oposição¹⁰, mas em movimentos de forças de “inter.” Uma na outra, somos esta mistura caosmótica.

2 TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E OUTRAS COISAS AFINS....

O sujeito da compreensão é o sujeito que habita a língua a partir do ponto de vista de sua tradução/tradição. A compreensão, neste sentido, torna-se linear, etnocêntrica porque traduz-uma-ação. Ao traduzir, matamos a vida que pulsa dentro de cada palavra - o uni-entendimento, a uni-compreensão, a uni-razão. Mas só se traduz dentro da tradição de uma unicidade que vê em sua lógica seus juízos morais e lingüísticos. E a palavra grita todo o tempo pedindo ar, um pouco de ar!

As palavras que utilizamos para falar, ao mesmo tempo, que nos potencializam como sujeitos do discurso, nos limitam, já que há um limite de palavras para poder dizer as coisas. Há uma série de condições de produção e de transgressão do próprio código que vão além do código da escrita.

As narrativas fazem o vínculo com o significado, no entanto, não temos como saber que conexões cada um faz. Há tantas conexões e linhas que sequer compreendemos, mas que passam a afetar nossa existência e que, para além disso, a possibilitam. É nesse sentido que não é possível “trocar experiências”, o que cada um vive é único, singular e no entanto coletivo. O que é possível é uma fusão de horizontes, a simulação, potencializar lacunas onde ainda se pode produzir.

No entanto, pensar este espaço entre as palavras e as coisas só é possível quando supõe-se que o sujeito moderno não é total, que o sujeito é algo que pode e deve perecer.

“Eu escrevo por meio de palavras que ocultam outras - as verdadeiras. É que as verdadeiras não podem ser denominadas. Mesmo que eu não saiba quais são as ‘verdadeiras palavras’, eu estou sempre aludindo a elas” (Lispector, 1999, p. 74).

Se domina um povo quando ele perde suas ‘línguas’, seus semi-tons e seus devaneios lingüísticos. Quando ele perde seus signos entre os significados e os significantes¹¹, quando se fecha a cadeia semiótica e o sentido fica ali aprisionado, sempre sendo sua própria redundância. Sempre em um centro de ressonância que não para nunca de ecoar seus significados, redundantes, redundantes, redundantes....

¹⁰ Não contradição ou oposição, mas pela gagueira deleuziana: e, e, e, e, e muito antes que ou, ou, ou, ou... Esta idéia está trabalhada ao longo de sua obra, mais especificamente em Deleuze & Parnet.

¹¹ “Não basta considerar o significado, ou mesmo referente, visto que as próprias noções de significação e de referência relacionam-se ainda a uma estrutura de expressão que se supõe autônoma e constante. De nada adianta construir uma semântica, ou mesmo reconhecer determinados direitos da pragmática, se fazemos ainda com que passem por uma máquina sintática ou fonológica que deve trabalhá-la previamente [...]. O conteúdo não é um significado nem a expressão um significante, mas ambos são variáveis do agenciamento” (Deleuze; Guattari, 1995, v. 2, p. 33).

Multiplicidades, pluralidades, fugas, velocidades e ainda um pouco de insanidade, a língua é sempre um rizoma, sempre um mosaico, uma teia, um insustentável de sentimentos, afetos e percepções.

Nossa língua é ambígua, não pode morrer em uma significação. Toda a língua é múltipla em si. A lingüística está a serviço do estado e de seus sujeitos modernos.

Toda a interpretação é uma tradução. Todo o traduzir é morrer sobre o interior de uma mesma língua. “Falar não para unir-se ou para separar-se, mas para fazer tremer as nossas línguas” (Larrosa, 2003).

Por trás de um significado há outro constituindo um contexto, que é sempre intersubjetivo. Atrás da máscara tem outra e outra e ainda outra a desenhar nosso rosto - rostidade ocidental, moderna, monolingüística. Estamos sempre em busca de um sentido, porque temos medo da “falta de sentido”, do “sem sentido”, o sentido pode ser, no entanto, nossa mais perversa prisão. A vida com o sentido determinado, a vida obedecida nas cadeias redundantes, nos sentido que não param de redundar.... no dever ser que não para de exalar suas sentenças. Sempre a nos lembrar a finitude que não habita nosso corpo, das potências que inebriam nossa razão.

Mas tem a criação, o refúgio de montanhas. Tem nosso tempo como infinito, como o tempo que está feito de começar de novo, sempre de novo... a nova língua, a língua múltipla, o dialeto mestiço, a língua mista, a gagueira... ser estrangeiro de si, ser multilíngue... Fazer de nosso tempo breves e inusitadas misturas, e de nosso presente o acontecimento. Ou seja, o encontro com o “sem sentido”.

Embora o nosso tempo seja marcado por uma comunicação unívoca, determinado por palavras de ordem, é possível, através da criação, produzir novas linguagens singulares, novos corpos, novas falas, reinstaurando um novo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 2.

_____. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, v. 3.

_____. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, v. 5.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Dialogues**. Paris: Champs Flammarion, 1996.

LARROSA, J; SKLIAR, C. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Seminário Políticas das subjetividades e práticas da diferença em Educação**. Pelotas: UFPEL, 2003.

LISPECTOR, C. **Um Sopro de vida** (pulsações). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

